

**AS SUBSTÂNCIAS DA MODERNIDADE:
O INDIVÍDUO E O POETA NO CORPO DAS MÚLTIPLAS DISSONÂNCIAS**
THE SUBSTANCES OF MODERNITY:
THE INDIVIDUAL AND THE POET IN THE BODY OF THE MULTIPLE DISCORD

Jean Paul d'Antony Costa Silva¹

RESUMO: O presente artigo pretende investigar o indivíduo e o poeta no âmago da multiplicidade de sensações e significados existentes na metrópole. No tangente ao fluxo e refluxo que embala a cidade, não podemos esquecer que o poeta moderno, diferente do homem comum, renova com a mesma mutabilidade, que compõe a natureza da metrópole, a sua poesia no eterno jorro de novos estímulos e novas ruas. Todas as rápidas mudanças, todo buzinar de um único automóvel, todas as buzinas do tráfego pulsante e congestionado, todos os letreiros, *outdoors*, todas as luzes, toda a grande dança barulhenta da cidade moderna, todas as tentações fugazes das vitrines e da moda, tudo isso é a substância da poesia moderna e do sujeito moderno.

PALAVRAS-CHAVE: Metrópole. Dissonância. Poeta. Indivíduo. Vitrine.

O indivíduo metropolitano está vinculado a uma rede de acontecimentos que configura a natureza mutável e a ordem caótica da cidade moderna. Esta natureza confere ao ambiente urbano uma personalidade única: a velocidade de como o “novo” se enraíza na vida subjetiva dos cidadãos e os obriga a se sobrepor aos fenômenos que vêm como ondas em todas as direções, afetando todos os sentidos, a consciência e a intelectualidade desse tipo metropolitano, bem como tornando urgente a sobrevivência a partir da adaptação: da multiplicidade interna que compõe este homem à multiplicidade externa que pulsa numa frenética arritmia ordenada pela velocidade.

Esta reflexão nos aponta que

A base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste na *intensificação dos estímulos nervosos*, que resulta da alteração brusca e ininterrupta entre estímulos externos e interiores. O homem é uma criatura que procede a diferenciações. Sua mente é estimulada pela diferença entre a impressão de um dado momento e a que precedeu. Impressões duradouras, impressões que diferem apenas ligeiramente uma da outra, impressões que assumem um curso regular e habitual e exibem contrastes regulares e habituais – todas essas formas de impressão gastam, por assim dizer, menos consciência do que a rápida convergência de imagens em mudança, a descontinuidade aguda contida na apreensão com uma única vista de olhos e o inesperado de impressões súbitas. Tais são as condições psicológicas que a metrópole cria (SIMMEL, 1950, p. 12).

¹ Licenciado em Letras Vernáculas pela UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação de Literatura e Diversidade Cultural – UEFS e Professor de Tópicos da Teoria Literária do PROFORMA – UEFS. E-mail: jpauldantony@yahoo.com.br.

Do atravessar de rua à multiplicidade da vida econômica, ocupacional, social e cultural, todos os contrastes que fundamentam a vida psíquica metropolitana corroboram para a massa que modela o intelecto, a consciência, a subjetividade, a atitude genuína do homem moderno da metrópole.

Por isso, desse embrião da cidade moderna e dos centros metropolitanos está a formação do olho estranho e estrangeiro diante da dinâmica do novo mundo: um conglomerado de pessoas e coisas que absorvem a atenção e a intimidade, tanto dos que estão alheios ao processo quanto daquele que rege sua vida a partir da observação do desfile de corpos, sons e luzes: tudo agora é uma vitrine. Nada na rua passa despercebido.

Nasce desse movimento investigativo, desse olhar cirúrgico diante dos “dias de festa e dias de luto, trabalho e lazer, costumes matrimoniais e hábitos celibatários, família, casa, filhos, escola, sociedade, teatro, tipos, profissões” (BENJAMIN, 1989, p. 34), nasce o observador chamado *Flâneur*: aquele cuja *flânerie* se alimenta das vitrines e galerias, das ruas largas e becos, da luz diurna e do *show* das luzes noturnas, tudo que compõe o inebriante luxo industrial de vidros, mármore e calçadas do capitalismo.

Todas as rápidas mudanças, todo buzinar de um único automóvel, todas as buzinas do tráfego pulsante e congestionado, todos os letreiros, *outdoors*, todas as luzes, toda a grande dança barulhenta e fumaceira das indústrias, todas as tentações fugazes das vitrines e da moda, todas as relações, toda a atitude *flânerie*, observando o mundo que intensifica os estímulos nervosos no prazer da observação, constitui o tipo *blasé*: o indivíduo cujos nervos e intelecto se dilataram tanto no gozo constante das mudanças, dos contrastes, na multiplicidade das diferenças, quais chegam ao ponto de cessar completamente de reagir, empurrando o poeta e o indivíduo citadino a uma condição paradoxal de existência, condição determinada pelo fato de que a multidão e todas as substâncias que a compõe significam, ao mesmo tempo, solidão e indiferença. O progresso que intensifica a percepção também intensifica a progressão da decadência da alma. Lembrando Baudelaire,

Nem a todos é dado tomar um banho de multidão: gozar da multidão é uma arte; e só pode fazer, à custa do gênero humano, uma farta refeição de vitalidade, aquele em quem uma fada insuflou, no berço, o gosto do disfarce e da máscara, o horror ao domicílio e a paixão da viagem. Multidão, solidão: termos iguais e conversíveis para o poeta diligente e fecundo. Quem não saiba povoar a sua solidão também não sabe estar só em meio a uma multidão atarefada. O poeta goza do incomparável privilégio de ser, à sua vontade, ele mesmo e outrem. Como as almas errantes que procuram corpo, ele entra, quando lhe apraz, na personalidade de cada um. Para ele, e só para ele, tudo está vago; e, se alguns lugares parecem vedados ao poeta, é que a seus o-

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 7, p. 171-180, ago.-dez., 2010. Recebido em 02 out; aceito em 05 nov. 2010.

lhos tais lugares não valem a pena de uma visita. O passeador solitário e pensativo encontra singular embriaguez nessa comunhão universal. Aquele que desposa facilmente a multidão conhece gozos febris, de que estarão privados para sempre o egoísta, fechado como um cofre, e o preguiçoso, encaramujado feito um molusco. Ele adota como suas todas as profissões, todas as alegrias e todas as misérias que as circunstâncias lhe deparam (BAUDELAIRE, 1995, p. 289).

O que antes era a intensificação dos nervos através da existência das mil e uma possibilidades de encantamento pelas ruas, agora é a existência de uma atitude mental da indiferença. Simmel continua nos esclarecendo que

Uma vida em perseguição desregrada ao prazer torna uma pessoa *blasé* porque agita os nervos até seu ponto de mais forte reatividade por um tempo tão longo que eles finalmente cessam completamente de reagir. Da mesma forma, através da rapidez da contraditoriedade de suas mudanças, impressões menos ofensivas forçam reações tão violentas, estirando os nervos tão brutalmente em uma e outra direção, que suas últimas reservas são gastas; e, se a pessoa permanece no mesmo meio, eles não dispõem de tempo para recuperar a força. Surge assim a incapacidade de reagir a novas sensações com a energia apropriada (SIMMEL, 1950, p. 16).

É claro que o poeta também está condicionado a esta atitude *blasé*. Neste caso, porque a sua concentração de *flâneur* em tipos e coisas (aparentemente indiferente), que estimulam o sistema nervoso às novas sensações, também chega ao ponto extremo de realizações, ao ápice, mas não ao ponto de cessação plena da sua capacidade de observação e criação.

Essa potencialização de criação percebemos, por exemplo, em Fernando Pessoa quando na formação dos seus heterônimos, uma atitude que permite ao poeta sentir o mundo de todas as maneiras possíveis. Neste caso, a heteronímia em Pessoa torna-se, para a poesia moderna, um caso de desdobramento da personalidade e da fragmentação do sujeito que é tomado em todos os seus sentidos pelas substâncias da modernidade. Verticalizando nosso olhar, observaremos em Álvaro de Campos, heterônimo filho da modernidade, que sua poesia lança-se ao corpo de múltiplas dissonâncias, quais são também molas propulsoras de sua criação ímpar e composta de experiências que traduzem a infinidade de toda a vitrine moderna a qual chamamos de Cidade.

No poema *Passagem das horas* podemos verificar essa multiplicidade de sensações no momento em que o Eu lírico desvela que gostaria de

Sentir tudo de todas as maneiras,
Viver tudo de todos os lados,
Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo,
Realizar em si toda a humanidade de todos os momentos

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 7, p. 171-180, ago.-dez., 2010. Recebido em 02 out; aceito em 05 nov. 2010.

Num só momento difuso, profuso, completo e longínquo.
 [...]

Beijo na boca todas as prostitutas,
 Beijo sobre os olhos todos os souteneurs,
 A minha passividade jaz aos pés de todos os assassinos
 E a minha capa à espanhola esconde a retirada a todos os ladrões.
 Tudo é a razão de ser da minha vida.
 Multipliquei-me, para me sentir,
 Para me sentir, precisei sentir tudo,
 Transbordei, não fiz senão extravasar-me,
 Despi-me, entreguei-me,
 E há em cada canto da minha alma um altar a um deus diferente.
 [...]

Passa tudo, todas as coisas num desfile por mim dentro,
 E todas as cidades do mundo, rumorejam-se dentro de mim ...
 Meu coração tribunal, meu coração mercado,
 Meu coração sala da Bolsa, meu coração balcão de Banco,
 Meu coração rendez-vous de toda a humanidade,
 Meu coração banco de jardim público, hospedaria,
 Estalagem, calabouço número qualquer cousa
 (Aqui esteve el Manolo en vísperas de ir al patíbulo)
 Meu coração clube, sala, platéia, capacho, guichet, portaló,
 Ponte, cancela, excursão, marcha, viagem, leilão, feira, arraial,
 Meu coração postigo,
 Meu coração encomenda,
 Meu coração carta, bagagem, satisfação, entrega,
 Meu coração a margem, o lirrite, a súmula, o índice,
 Eh-lá, eh-lá, eh-lá, bazar o meu coração.

(CAMPOS, 1998, p. 344-346, grifo nosso)

No que tange ao fluxo e refluxo que embala a cidade, Campos sente “todas as coisas num desfile” por dentro, multiplicado e embalado pela necessidade de ser o *souteneur* de todas as sensações e o sumário dessa nova experiência que também é a experiência do *flânerie*. Em consonância a estas nuanças e multiplicidades que acomete o poeta em estado de *flânerie*, Benjamin diz que

Uma embriaguez acomete aquele que longamente vagou sem rumo pelas ruas. A cada passo, o andar ganha uma potência crescente; sempre menor se torna a sedução das lojas, dos bistrôs, das mulheres sorridentes e sempre mais irresistível o magnetismo da próxima esquina, de uma massa de folhas distantes, de um nome de rua. Então vem a fome. Mas ele não quer saber das mil e uma maneiras de aplacá-la. Como um animal ascético, vagueia através de bairros desconhecidos até que, no mais profundo esgotamento, afunda em seu quarto, que o recebe estranho e frio (1989, p. 186).

Contudo, não se pode esquecer, que o poeta moderno, diferente do homem comum, depois da perda de seu halo ele se renova com a mesma natureza de mutabilidade que compõe a metrópole, de dissonâncias e incongruências que se unem, levando também a sua poesia ao eterno jorro de novos estímulos e novas ruas. Por isso “é que o modernista se sente em casa” *Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 171-180, ago.-dez., 2010. Recebido em 02 out; aceito em 05 nov. 2010.

nesse cenário, ao passo que o antimodernista percorre as ruas à procura de um caminho para fora delas” (BERMAN, 1986, p. 157).

Consoante a Walter Benjamin, citando logo em seguida Von Gall (1845, p. 22), “Nesse mundo o *Flâneur* [como o poeta] está em casa; é graças a ele ‘essa passagem predileta dos passeadores e dos fumantes, esse picadeiro de todas as pequenas ocupações imagináveis encontra seu cronista e seu filósofo’” (1989, p. 34, grifo nosso). O fenômeno urbano cria tipos que não se esgotam no que tange às suas mutabilidades e diferenças, dessa forma seus mínimos gestos são pesados e medidos nos cafés, nas bancas de jornal, nos muros, no atravessar a rua, no tráfego, numa riqueza inesgotável de facetas e lugares para que o *Flâneur* possa vagar calma e cirurgicamente seu olhar como todo bom detetive:

“O observador – diz Baudelaire – é um príncipe que, por toda a parte, faz uso do seu incógnito.” Desse modo, se o *Flâneur* se torna sem querer detetive, socialmente a transformação lhe assenta muito bem, pois justifica a sua ociosidade. Sua indolência é apenas aparente. Nela se esconde a vigilância de um observador que não perde de vista o malfeitor. Assim, detetive vê abrirem-se à sua auto-estima vastos domínios. Desenvolve formas de reagir convenientes ao ritmo da cidade grande. Capta as coisas em pleno vôo, podendo assim imaginar-se próximo do artista. (BENJAMIN, 1989, p. 38).

Neste caminho, já podemos também observar a atitude *flânerie* no poema *Os cegos*, de Baudelaire. O eu-lírico baudelairiano tanto exalta quanto personifica a cidade no momento que transfere a ela o poder de olhar pelos cegos e por ele:

Ó cidade!
Enquanto em torno cantas, ris e uivas ao léu,

Nos braços de um prazer que tangencia o espasmo,
Olha! também me arrasto! e, mais do que eles pasmo,
Digo: que buscam estes cegos ver no céu? (BAUDELAIRE, 1989, p. 343).

Aqui, vale salientar que a cidade não toma o lugar de arrebatamento do poeta, muito pelo contrário, é somente através dela que a fascinação pelas figuras bizarras e ímpares tipifica e caracteriza agora, ao céu aberto, sobre as calçadas, quem é a cidade moderna e como ela absorve o poeta a tal estado que o leva à contemplação dessas identidades estrangeiras:

Contempla-os, ó minha alma; eles são pavorosos!
Iguais aos manequins, grotescos, singulares,
Sonâmbulos talvez, terríveis se os olhares,
Lançando não sei onde os globos tenebrosos. (BAUDELAIRE, 1989, p. 343)

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 7, p. 171-180, ago.-dez., 2010. Recebido em 02 out; aceito em 05 nov. 2010.

Sem descanso, a atitude contemplativa do *Flâneur* baudelairiano descreve com exatidão quem é o homem comum, cego, que passa pela cidade, pelas calçadas, mas não se vêem e não conseguem enxergá-la “Lançando não sei onde os globos tenebrosos”. Estes ‘globos tenebrosos’ alcançam e/ou são o próprio fluxo de intensificação dos nervos do homem comum, do antimodernista, do antimoderno, do poeta, toda essa fusão própria desse embrião que é a cidade moderna e suas vorazes e velozes mudanças: pura e híbrida intensificação.

Todavia, há outro efeito o qual devemos considerar qual independe de sua tônica positiva ou negativa, que é o fenômeno da despersonalização. O homem moderno despersonaliza-se diante do fluxo constante e arredio do caos da cidade moderna e seus grandes arranha-céus, seu tráfego indiferente de carros e pessoas, seu *reality-show* do cotidiano, seus nervos de aço que atravessam todos os estados e faculdades do ser humano. Contudo, essa despersonalização é uma condição *sine qua non* para a construção da identidade, da sobrevivência do indivíduo e do artista moderno.

Claro, tudo isso é gerado porque a modernidade já traz em suas pulsões a identidade das dissonâncias. Essa identidade constitui o novo tipo de sensibilidade que é o homem moderno. Este, mais do que todos, é tomado por inúmeras sensações das camadas nervosas que montam o corpo da cidade moderna, cada fibra nervosa desta invade a intimidade através das sinestésias inebriantes dos seus quadros cujas dissonâncias se apresentam como um ritmo caótico.

No entanto, este ritmo é apenas uma aparência desarmônica que nossas inervações não conseguem capturar como um todo, nem senti-lo como um todo, e porque a razão se sente deslocada no tentar recompor este novo mundo dentro do espetáculo de sua velocidade. Neste ponto, encontramos o nervo da questão, a velocidade das grandes cidades é o composto sanguíneo que possibilita a construção da identidade dessas dissonâncias.

É nesse instante que se opera, *in loco*, os fluidos de uma morte vital do ser enquanto consciência de eterno retorno, de eterno movimento paradoxal: o ser que retorna mil vezes no que está-sendo. Em *A Gaia Ciência*, no aforismo 341, Nietzsche discorre a questão passando a voz ao demônio para explicar acerca desse ciclo infundável, o que nos leva a entender essa terceira margem do rio da modernidade:

E se, um dia ou uma noite, um demônio lhe aparecesse na sua suprema solidão e lhe dissesse: “Esta existência, tal como a leva e a levou até aqui, vai ser necessário a vo-

cê recomeçá-la sem cessar; sem nada de novo; muito pelo contrário! A menor dor, o menor prazer, o menor pensamento, o menor suspiro, tudo o que pertence à vida voltará ainda a repetir-se, tudo o que nela há de indizivelmente grande e de indizivelmente pequeno, tudo voltará a acontecer, e voltará a verificar-se na mesma ordem, seguindo a mesma impiedosa sucessão... esta aranha também voltará a aparecer, este lugar entre as árvores [onde André sempre se recolhe nos momentos de festa], e este instante, e eu também! A eterna ampulheta da vida será invertida sem descanso, e você com ela, ínfima poeira das poeiras! (2005, p. 185, grifo nosso).

Nesse momento, o indivíduo metropolitano se torna um organismo agora multiplicado em diversas experiências, em diversas sensações necessárias para o transcender-se e para o reconhecimento daquilo que vem a tornar-se constantemente moderno, novo, obsoleto, veloz, novo mais uma vez, dentro da dinâmica da eterna ampulheta onde tudo quais os tentáculos do capitalismo pode proporcionar e tirar numa velocidade tal qual nossos nervos e nossa mente, em plena dilatação do consumo de imagens, devem se moldar (não se perder!) a essas novas percepções e consumir todo o baile que é a invenção do cotidiano.

Tomado pelo mesmo jorro de sensações, sendo constantemente arrebatado em seus nervos pelas dissonâncias que compõem a multiplicação dos extremos das ruas modernas, bem como Baudelaire numa atitude *flânerie*, T.S. Eliot, em *O sermão do fogo*, nos revela através de uma mulher, ao pôr um disco na vitrola, o estado natural desse cotidiano, dessas silhuetas da modernidade pelas quais o homem comum e a poesia moderna se formulam:

“Esta música ondula junto a mim por sobre as águas”
E ao longo da Strand, Queen Victori Street acima.
Ó Cidade cidade, às vezes posso ouvir
Em qualquer bar da Lower Thames Street
O álaçre lamento de um bandolim
E a algazarra que farfalha em bocas tagarelas
Onde repousam ao meio dia os pescadores, onde os muros
Da Magnus Martyr empunham
O inexplicável esplendor de um jônico branco e ouro.
O rio poreja
Petróleo e alcatrão

(ELIOT, 1981, 98-9).

Todo esse movimento é a música da modernidade, das cidades que transpiram vitalidade e respiram do homem seus anseios, seus desejos mais recônditos, seus medos, suas taras, seus vícios, seus espelhos para se projetar no olhar do poeta, também um *flâneur*, e da sua poesia sedenta dessa mistura de suor e perfume das metrópoles.

Nasce, então, o que salientamos anteriormente como morte vital: a necessidade de uma morte iminente, de mortes sequenciais para que se possa acompanhar esse ritmo frenético e

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 7, p. 171-180, ago.-dez., 2010. Recebido em 02 out; aceito em 05 nov. 2010.

alcançar a liberdade para apenas sentir essas coisas e/ou para pensar o que se senti. Rilke, na sua *IX Elegia*, nos versa:

E essas coisas, que
vivem do passageiro, compreendem que tu as celebres;
passageiras,
elas nos confiam uma força salvadora, a nós, os mais
passageiros de todos.
Querem que nossos corações invisíveis as
Transformemos por completo
– infinitamente – em nós! Quem quer que enfim sejamos. (1989, p. 195).

Neste princípio, das coisas que vivem do passageiro, está o gérmen da modernidade: do que o homem moderno precisa para multiplicar-se em diversas experiências e sensações: multiplicação (ou despersonalização) que é igual à morte, mas que é necessária para que, infinitamente, possamos tentar a transformação para completitude, “Quem quer que enfim sejamos” (RILKE, 1989, p. 195).

É necessário à poesia moderna mostrar como o homem comum – tanto quanto o próprio poeta já que este jogou seu halo no lodaçal de macadame – está desamparado no deserto da metrópole, na transitoriedade de um tempo industrial e capitalista faminto, na concreta necessidade de existir para sobreviver ao mundo de feras para também ser fera, e faminto. Hugo Friedrich, em *Estrutura da lírica moderna*, ao passear investigativamente pela poesia de Eliot, afirma que

o próprio poeta [Eliot] confessa, esta [a poesia] se adapta à civilização moderna que, com suas complicações, contradições e sua sensibilidade nervosa exige uma poesia que seja ampla, mas fale apenas de forma alusiva e indireta e, portanto, se torne necessariamente difícil (1991, p. 198, grifo nosso).

Claro, este “difícil” não se remete à constituição da linguagem poética em si, todavia à linguagem que possa abraçar a quantidade de imagens e eventos quais são formadores da natureza fragmentária da poética eliotiana e da poética, como a baudelairiana, que decifra os signos, e cria outros, de toda a dimensão do que chamamos moderno, modernidade, modernização, luxo, capitalismo, homem, poeta, ruas, bares, vitrines, etc.

Não há mais espaços para a cegueira da inocência, mas para a beleza da bestialização, da estranheza encontrada nas calçadas, nos passos dos pedestres, no aglomerado da massa

capitalista e individualizada que conduzem as pernas, os braços, a razão e a sensibilidade dessas existências ao paradoxo do cotidiano moderno: estar só no centro nervoso da multidão.

Quanto a isso, Berman afirma que

O homem na rua moderna, lançado nesse turbilhão, se vê remetido aos seus próprios recursos – frequentemente recursos que ignorava possuir – e forçado a explorá-los de maneira desesperada, a fim de sobreviver. Para atravessar o caos, ele precisa estar em sintonia, precisa adaptar-se aos movimentos do caos, precisa aprender não apenas a pôr-se a salvo dele, mas a estar sempre um passo adiante. Precisa desenvolver sua habilidade em matéria de sobressaltos e movimentos bruscos, em viradas e guinadas súbitas, abruptas e irregulares – e não apenas com as pernas e o corpo, mas também com a mente e a sensibilidade (1986, p. 154).

Este caos ao qual o indivíduo agora não pode ir de encontro, dialeticamente pode negar, mas deve reger sua vida tal qual a arquitetura desse tráfego de mundos. “Logo, tentando opor-se ao caos, o indivíduo só faz agravar esse mesmo caos” (BERMAN, 1986, p. 158) e não conseguirá abrir-se à ação vital do tônus que deve constituir sua identidade, sua individualidade e a base psicológica do seu lugar como sujeito, que não seja para habitar poeticamente o mundo, mas para ser poeticamente habitado por ele.

ABSTRACT: This article aims to investigate the individual and the poet at the core of the multiplicity of sensations and meanings existing in the metropolis. The tangent to the flow and reflux packages the city, we cannot forget that the modern poet, different common man, renewing with the same mutability, which comprises the nature of the metropolis, his poetry in eternal spurt of new stimuli and new streets. All the rapid changes, all honk of a single automotive, all the horns of traffic pulsing and congested, all the signs, outdoors, all the lights, all the great dance noisy of modern city, all the temptations of fleeting window and fashionable, all this is the substance of modern poetry and of the modern subject.

KEYWORDS: Metropolis. Dissonance. Poet. Individual. Vitrine.

Referência

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad. e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.

BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e prosa*. Trad. Alexei Bueno et al. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ELIOT, T. S.. *Poesia*. Trad. introdução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 7, p. 171-180, ago.-dez., 2010. Recebido em 02 out; aceito em 05 nov. 2010.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1991.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. Trad. Heloísa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1998.

RILKE, Rainer Maria. *Sonetos a Orfeu; Elegias de Duíno*. Trad. e introdução Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: _____. *O fenômeno urbano*. Trad. Sérgio Marques dos Reis. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1950.

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 7, p. 171-180, ago.-dez., 2010. Recebido em 02 out; aceito em 05 nov. 2010.